

PROLEGÔMENOS SOBRE A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA REGIÃO NORDESTE

Autor (1) Ingrid Rodrigues Leite; Co-autor (2) Jaqueline Dantas; Co-autor (3) Ana Luiza Quirino;
Orientador (4) Rosilene Dias Montenegro.

Autor (1): Mestrado em Desenvolvimento Regional - Universidade Estadual da Paraíba –UEPB,

Indyni@hotmail.com.

Co-autor(2): Mestranda em Desenvolvimento Regional- Universidade Estadual da Paraíba –UEPB,

jaquelineDantas2@gmail.com.

Co-autor (3) Mestranda em Desenvolvimento Regional- Universidade Estadual da Paraíba –UEPB,

analuiza2309@gmail.com.

Orientador (4) Professora do Mestrado em Desenvolvimento Regional- Universidade Estadual da Paraíba –UEPB,

rosilenemontenegro@gmail.com.

Resumo do artigo: Este trabalho visa tecer considerações teóricas sobre a construção imagética da região Nordeste. Para o alcance deste objetivo, fora feito uma breve discussão sobre o conceito de região, sobre a construção da região Nordeste e sobre a trajetória do economista Celso Furtado, que ora se confundiu com a construção do Nordeste, devido a seu empenho em torno do desenvolvimento do país, em especial a esta região. Para tal, fora feito um extenso levantamento bibliográfico. A partir disso, devemos considerar que o Nordeste aqui por nos pensado, não é somente o Nordeste, enquanto território de fronteiras e espaços limitados, mas sim, o Nordeste enquanto região do Brasil, dotado de características humanas e físicas ímpares, e sua cultura e identidade singulares. Como considerações finais, compreendemos que a identidade do Nordeste foi uma construção dotada não só de aspectos físicos, mas também de aspectos econômicos, uma vez que os seres humanos ainda estão apreendendo a conviver com o que lhe é disposto nessa região. Acreditamos que para que o Nordeste venha a ter uma identidade mais sólida perante a visão externa de outras regiões é necessário, que nós possamos fazer um trabalho interno com a população, de conscientização e valorização da sua identidade. Algumas políticas públicas contemporâneas vêm tentando modificar esse quadro, e algumas ações pontuais já foram feitas, com isso, grande parte da população que vive no Nordeste já possui afeição e identidade ao seu território.

Palavras-Chave: Nordeste, Identidade e Região.

Introdução

Este trabalho visa tecer considerações sobre a construção imagética do Nordeste, enquanto região. Para o alcance deste objetivo, fora feito uma breve discussão sobre o conceito de região, de uma forma mais ampla, sobre a construção da região Nordeste e sobre a trajetória do economista Celso Furtado, que ora se confundiu com a construção do Nordeste, devido a seu empenho em torno do desenvolvimento do país, em especial a esta região. É válido dizer que este ensaio, fez parte de um trabalho de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, que nos fez refletir sobre essa temática. Para tal, fora feito um extenso levantamento bibliográfico sobre a temática. A partir disso, devemos considerar que o Nordeste aqui por nos pensado, não é somente o Nordeste, enquanto território de fronteiras e espaços limitados, mas sim, o Nordeste enquanto região do Brasil, dotado de características humanas e físicas ímpares, e sua cultura e identidade singulares.

Pensa-se também que, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. teve papel importante e decisivo nesse aspecto da desmistificação do Nordeste, levando em conta não só as características físicas do ambiente, do Homem Cacto, como ele mesmo cita em seu livro *Pré-conceito de origem geográfica e de lugar*¹. Mas, trazendo também à tona questões ainda não estudadas, sobre os cenários que ocorreram no passado nesta região, e que por sua vez foi marcado e narrado em um cenário de representações regionalistas, a partir de um quadro histórico deixado pela submissão de uma região perante outras, e até mesmo de um país-colônia perante a Portugal, como foi o caso do Brasil.

O conceito de Região

O termo região é um vocábulo muito conhecido entre os brasileiros, entretanto por ser um conceito é algo complexo e em constante construção. A palavra região vem do latim *regione*, que na antiga Roma era usado para locais que pertenciam e eram dominados por Roma e os seus governantes. Entretanto, é comumente usado no meio acadêmico a derivação da palavra também em latim, *regere*, que significa reger ou comandar, que eram usados na

¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 3ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2012.

linguagem militar. Para o professor Ruy Moreira, geógrafo, com num notório saber na área da epistemologia da geografia, “a região é então a forma matricial da organização do espaço terrestre e cuja característica básica é a demarcação territorial de limites rigorosamente precisos” (Moreira 2007, p.56).

Focalizando assim, a ideia de região a um entrave de dominação e de controle, onde não só questões políticas afloram, mas também sociais e culturais. Então, no passado a ideia de região era ligada a espaço não contíguos, onde as diferenças eram acentuadas e as igualdades justapostas. Entretanto, o conceito de região não ficou estático e não permaneceu isolado, se fez necessário pensar o conceito de região em conjunto com outras categorias, como nação e lugar. A partir da delimitação de determinada nação, e de soberania por ela exercida surgem os lugares, aqueles que por muitas vezes passam despercebido por muitos ou então se tornam apenas um lugar de passagem, onde as relações sociais não estabelecem vínculos e nele elas não se hospedam. Com o advento do tempo moderno os lugares vão se (re) construindo e se configurando como região, região essa, que por muitas vezes só são exaltadas por sua heterogeneidade perante outras. Diferenças que são subprodutos do capitalismo, advindo não só de capital estrangeiro, mas também e principalmente, de capital interno de agentes públicos e privados que vão configurando a nação, a partir de uma identidade de um povo. O termo região apesar de não ser polissêmico, é um termo que está presente nas ciências sócias e humanas de uma forma constante, e só na geografia ele já passou por várias escolas do pensamento, ao qual foi agregando valores e características ao seu conceito.

Na região natural, aqui compreendida pelo determinismo ambiental e introduzida no Brasil, segundo Corrêa (2003, p.89), ‘via influência francesa por Delgado de Carvalho em 1913’ e que Guimaraes (1941) considera as seguintes regiões naturais: norte, nordeste, leste, sul e centro-oeste.

Já no possibilíssimo, a região ocorre por intermédio da ação humana, onde o homem é o principal influenciador e construtor da região, na qual é concebida como região geográfica, nos estudos de Vidal de La Blache.

Na nova geografia, o conceito de região é distinto dos demais. Uma vez que aqui, a região é entendida segundo CORRÊA, (1986, p. 32) como ‘um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares, são menores que as existentes entre elas e qualquer

elemento de outro conjunto de lugares’. Aqui as regiões são divididas estaticamente através de mensuração das particularidades de cada uma delas.

Já na geografia crítica, busca-se repensar o conceito de região. Sobre isso, Aluísio Duarte, fala que:

A partir do Materialismo histórico e da dialética marxista, diversos pesquisadores introduziram, na década de 70, novos conceitos para se repensar a região, fazendo assim com que houvesse uma articulação entre a região e o tema regional, sob uma articulação dos modos de produção. Duarte (1980, p. 56)

Com isso, ratificando a ideia de que o conceito de região se modificou ao decorrer dos anos e do avanço das escolas geográficas. Entretanto, é válido salientar que o conceito de região, apesar de analítico na geografia, não perpassa somente por essa ciência, e sim pelas demais ciências humanas, com isso, constituindo um diferente conceito, a cada ponto de vista divergente e a cada objeto das ciências.

A região Nordeste

Regiões, estados e países, até mesmo espaços menores como bairros e ruas são dotados de características singulares, que os diferenciam dos demais. E isso confere ao globo uma variedade enorme de sujeitos e que configura identidade diferentes. No Brasil isso não foi diferente, a começar pela extensão territorial do país que é de aproximadamente 8.516.000 km² segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2012), e que nos confere cinco regiões: Norte, Sul, Centro-oeste, Sudeste o nosso objeto de estudo, o Nordeste.

Freyre (2004), afirma que a palavra Nordeste é:

Hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas.” E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. Mas esse nordeste de figuras de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco é apenas um lado do Nordeste. (p.45)

Já no comentário de Furtado (2009), o Nordeste:

(...), essa região de 25 milhões de habitantes que vai do Maranhão a Bahia, constitui a mais extensa dentre as zonas de mais baixo desenvolvimento, ou mais agudamente subdesenvolvidas, de todo o hemisfério ocidental, comparável a alguns países do Caribe, ao Paraguai, a Bolívia. Trata-se de um fenômeno *per se* extremamente peculiar. É problema de enorme

complexidade, que tem escapado a maioria das pessoas que pretendem formulá-lo. No Nordeste, formou-se desde meados do século XVI uma economia de exportação que, como toda economia de exportação, cresceu à medida que a demanda externa permitiu que crescesse: a economia do açúcar. (p.36)

Devido a essa forte expansão do açúcar no passado, principalmente no litoral, se torna interessante pensar que esse açúcar, de certa forma, fez com que houvesse uma expansão do interior do Nordeste, no qual fora se desenvolvendo outros tipos de atividade econômica, mesmo estas sendo uma decomposição e desagregação da economia açucareira.

Para Albuquerque Jr., o Nordeste é uma invenção que partiu não só do imaginário do Brasileiro, mas também, dos próprios nordestinos. Fazendo com que o Nordeste fosse visto não unicamente por uma ótica do determinismo ambiental e suas características físicas. Albuquerque Jr (2007), afirma que:

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (P. 102)

Essa construção Imagética do Nordeste e sua consequente formação não vieram de forma ordenada, pois, como toda construção do espaço, se dá e forma fragmentada e articulada. Posterior, a consolidação do Sudeste como hegemonia econômica perante a outras regiões do Brasil, e como uma política estatal pela busca da cultura, em torno da construção e manutenção de um sentido de unidade nacional, que o Nordeste surge como um discurso regionalista, partindo daí a formação de uma identidade que representasse o Nordeste, onde organizassem os símbolos e signos para a solidificação da cultura nordestina. É importante dizer que um dos marcos para essas criações imagéticas do Nordeste, foi a seca de 1877-1979, onde este fenômeno natural fora repercutido de forma nacional, que para sanar tais problemas foram criados pelo Estado Brasileiro o IOCS- Inspetoria de obras contra a seca em 1909; em 1919, a IFOCS (Inspetoria Federal de Obras contras Secas) e que posteriormente se tornou DNOCS- departamento nacional de obras contra a seca, que o institucionaliza o termo 'nordeste'.

Entretanto, é válido salientar que Furtado (2009), coloca:

Em primeiro lugar, consideramos que é necessário abordar o problema do Nordeste como um problema de desenvolvimento, isto é, de um ponto de vista positivo e dinâmico. Devemos evitar dar excessiva ênfase a um aspecto negativo do complexo regional, como é o caso das secas. A estação chuvosa, em grande parte do Nordeste, é irregular de forma mais ou menos constante. (p.174)

Mesmo que a região Nordeste ainda seja concentradora de disparidades, nos níveis econômicos da população, é necessário ratificar que esta questão que Furtado (2009) nos coloca, deve ser visto como característica do local, e não como impeditivo para haver uma pujança no crescimento da região.

O Nordeste segundo Durval Muniz de Albuquerque

Um dos temas mais atuais e contemporâneos nas mídias e nas redes sociais é o preconceito, tema esse que Albuquerque Júnior (2007) aborda de forma bastante elucidativa e didática, trazendo à tona o preconceito de origem geográfica, no caso o preconceito contra o Nordestino. Em sua obra “Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia”, de 2007, o autor aborda os apelidos que o nordestino tem, com por exemplo o ‘baiano’ (mesmo a pessoa não sendo do estado da Bahia) e do Paraíba, mesmo não pertencendo a esse estado, generalizando então os estados e as pessoas da região como se fossem uma só e não possuíssem diferenças entre si, e além do mais ainda vendo os nordestinos como: retirante, flagelado, migrante e etc. E são as consequências desses termos que Albuquerque Jr. aborda e vale salientar que as elites e os grupos nordestinos tiveram sua parcela nesse processo. O autor coloca que a ideia de criação do termo nordestino veio do próprio nordeste, que foram produzidos pelos ‘homens letrados’ da época e muito desse regionalismo também faz parte do imaginário nacional da criação do Estado Nacional. Outro fator importante é o regionalismo nortista e a grande seca de 1877-1879 que caracterizou o estigma do nordestino como flagelado e retirante, pela repercussão que teve na mídia em nível nacional pelo impacto causado pelas imagens da grande seca, e que hoje em dia conhecemos como a indústria da seca, sem falar também nas inúmeras obras literárias que surgiram sobre o fenômeno, reforçando a ideia do flagelo nortista e deu cangaço eminente. Para tentar mudar esse quadro o autor cita que partiu da comissão de parlamentares a ideia de que as pessoas, trabalhadores livres deveriam se ocupar de uma atividade e daí fora destinado recursos para a criação de lavouras que essas pessoas pudessem atuar, só que posteriormente se viu que os recursos haviam sido desviados, enriquecendo os que lucraram com a pobreza da maioria dos

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

trabalhadores livres. E daí, saiu o estigma de que o nordestino é a sanguessuga dos cofres públicos.

Concordamos com Albuquerque Jr. (2007), quando ele diz que as diferenças regionais que se acentuam, com a massificação de investimentos no eixo sul-sudeste e segue dizendo:

A economia que se desenvolve em torno da cafeicultura apresenta uma taxa de acumulação de capital que permite a emergência progressiva das atividades industriais mais diversificadas, do que aquelas que se desenvolvem no Norte, o que torna o espaço sulino o centro do desenvolvimento do capitalismo no país, tornando o espaço nortista um espaço subordinado e subsidiário daquele desenvolvimento, sendo progressivamente identificado como o lugar da excelência da pobreza. (p.109)

E esse lugar da excelência da pobreza é o estigma que ultrapassou as décadas e sobrevive até hoje, e com isso gerando um pré-conceito até mesmo das manifestações culturais que ali proliferaram. Em um momento futuro surge a ideia de nordeste, saindo então do estigma de toda uma região chamada de norte, pelo fato de um presidente sair desta região, e assim criando políticas públicas para a diminuição da seca no Nordeste. Uma dessas tentativas veio com a criação da inspetoria Federal de Obras contra as Secas o IFOCS, obras que por sua vez que também vieram a ser investigadas em uma CPI no governo subsequente.

Posterior a esse momento, a construção da identidade paulista é algo que se deu pelo deslumbramento com a sociedade burguesa, com o moderno e a urbano. Já a identidade nordestina vai ser construída a partir da reação conservadora à sociedade capitalista que está sendo implantada no país

Portanto, a imagem do nordestino agora construída como um ser crente e cheio de superstições, e que acredita que terá ajuda divina para lidar com os problemas do cotidiano, e fez com que se atenuasse o preconceito, tanto pela concepção Eugênica e social-darwinista, no qual muitos lamentavam pelo fato do nordestino ser mestiço e não ter sofrido branqueamento na população. Esse preconceito com o Nordeste não se deu exclusivamente pela sua localização geográfica, credo e disposição de elementos naturais, mas sim, pelo preconceito social e econômico, e sobre isso o autor diz:

Temos que entender que o preconceito nasce das tensões sociais, geradas pelos mais diversos fatores, e deve ser visto também como uma arma nas lutas que opõem grupos sociais e de origem geográfica diversos. (ALBUQUERQUE, Jr. 2007)

Ratificando assim, o preconceito que a região Nordeste teve e tem devido a sua formação histórico-social. E na tentativa de diminuir e/ou sanar os problemas, que confirmam a situação social do nordeste, o economista Celso Furtado teve uma papel importante nesse processo, devido a seus estudos e posição profissional ao qual se encontrava.

Celso Furtado e sua trajetória para com o Nordeste

Celso Furtado teórico lido no Brasil e no mundo, foi Bacharel em Direito pela UFRJ (1944), Doutor em Economia pela Sorbonne (1948), Estudos de Pós-Graduação na Universidade de Cambridge, Inglaterra (1957), Doutor Honoris Causa das Universidades: Técnica de Lisboa (Portugal, 1987), da Estadual de Campinas - UNICAMP (Campinas, SP, 1990), Federal de Brasília (Brasília, 1991), Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1994), Federal da Paraíba (João Pessoa, 1996), Pierre Mendès-France (Grenoble, França, 1996), Estadual do Ceará (Fortaleza, 2001), Estadual de São Paulo-UNESP (São Paulo, 2002), Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 2002), além de ter sido Técnico de Administração do Governo Brasileiro (1944-45), Economista pela Fundação Getúlio Vargas (1948-49), foi diretor da Divisão de Desenvolvimento da CEPAL (1949-57), diretor do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) (1958-59), elaborou o Plano de Desenvolvimento do Nordeste (governo JK), que deu lugar à criação da SUDENE, órgão que dirigiu por cinco anos (1959-64), foi o primeiro titular do Ministério do Planejamento (1962-63), com o golpe militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados por dez anos.

Nossa atenção especial a Celso Furtado se deu, por acreditarmos que ele desempenhou um papel de extrema importância para o estudo do potencial econômico da região. Para isso, Sá (2009), afirma que:

Celso Furtado é o pensador maior da questão do Nordeste. Emanada da sua obra o fundamento norteador de que os países da periferia do capital estão coordenados a reinventar o desenvolvimento. É um cientista social reputado como grande interprete do Brasil. O eixo de seus questionamentos, suas reflexões e suas elaborações se encontra nos entraves que os desenvolvimentos das economias periféricas enfrentam pelas origens. (p.158)

E com essa gama de experiência profissional, Guimarães (2000) diz que ‘Furtado tinha como ideia central e plano de vida o estudo relacionado a superação do desenvolvimento por meio de um projeto nacional’, e que esse, previsse a superação do quadro histórico de exclusão social em um quadro de aprofundamento dos fundamentos da democracia

política. Com o decorrer dos anos fora notado por muitos estudiosos que o pioneirismo intelectual dele alimentava-se do ciclo histórico caudaloso e vital do nacional desenvolvimentismo, no qual fora galgado muito durante o governo de Juscelino Kubistchek.

Além do processo de formação, Furtado passou por um exílio. Esse que foi político e histórico, no qual fez com que ele tivesse que passar um novo processo, um novo esforço intelectual, capaz de captar as linhas dinâmicas do capitalismo internacional, avaliando o protagonismo das empresas oligopolistas do centro do mundo, o crescimento explosivo do mercado financeiro internacional, rápida industrialização de segmentos da periferia, além de ter que explicar o surto de crescimento da economia brasileira a partir do binômio: internacionalização e concentração de renda.

Na sua obra autobiográfica, Furtado (1997) fala que sua tentativa de compreender o subdesenvolvimento e os problemas do Nordeste era um desejo de salvação pessoal, pensando assim em seu campo teórico que, a solução da problemática nacional mediante um projeto que previa a superação do quadro histórico de exclusão social, devia acontecer em um quadro de aprofundamento dos fundamentos de nossa democracia política. Ainda em Celso, deve-se pensar nas três dimensões da república que o autor traz, que são: - o destino nacional, a cidadania social e a soberania popular, no qual estão articuladas em uma lógica mutuamente configuradora.

Posterior a esse momento, Furtado previu três possibilidades de evolução da sociedade brasileira no pré-64: Primeiro, houve uma revolução socialista, segundo, uma ditadura de direita e terceira, uma reforma de estruturas que poderia gerar um o desenvolvimento em detrimento da estabilidade.

Conclusão

Acreditamos que para que o Nordeste venha a ter uma identidade mais sólida perante a visão externa de outras regiões é necessário, que nós possamos fazer um trabalho interno com a população, de conscientização e valorização da sua identidade. Pois, como citou Albuquerque (2001), a ideia de o nordestino ser um ‘homem cacto’ veio da própria ‘elite’ nordestina e isso se deflagrou pelos quatro cantos do país, graças à grande seca de 1879, o que repercutiu na mídia chamando assim a atenção do país para a situação do nordestino, unicamente representado pela situação hídrica que se deu por questões físicas da região, onde a estiagem era alarmante e teve como consequência a morte de muitas pessoas. Posterior a esse movimento, tivemos as migrações em larga escala da região nordeste para a região

Sudeste, acentuando então, a ideia de que o Nordeste era um local inóspito e que não era autossustentável. Entretanto, esse quadro vem se modificando ao decorrer dos anos. E uma das pessoas que contribuíram para isso, e que foram fundamentais para essa mudança foi Celso Furtado, no qual acreditava que a industrialização seria a chave para a mudança qualitativa e expansão econômica no Nordeste.

Algumas políticas públicas contemporâneas vêm tentando modificar esse quadro, e algumas ações pontuais já foram feitas, com isso, grande parte da população que vive no Nordeste já possui afeição e identidade ao seu território. Enfatizando assim, na diminuição do êxodo nordestino para os grandes centros de outras regiões, e na busca pelas políticas de convivência que fazem com o homem nordestino aprenda a conviver com as características do seu local, e devido a isso, se observa um crescimento qualitativo da região.

Devido as condições físicas e humanas que a região Nordeste possui, acreditamos, que ela poderá ser a região-futuro do nosso país. Para isso, seria necessário que o Estado viesse promover e fomentar condições para que os municípios mais carentes conseguissem se auto sustentar e que o desenvolvimento local viesse a ocorrer de forma igualitária, e assim promovendo a expansão das liberdades dos habitantes da região Nordeste.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2007

_____. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 3ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2012.

_____. **Nos destinos de fronteira: Histórias, Espaços e identidade regional**. Recife, Bagaço, 2008

CASTRO, I. E. de; *et all.* **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

DUARTE, A. C.. **Regionalização: considerações metodológicas**. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 20, 1980



FREYRE, G. **Nordeste: Aspectos da influência da Cana sobre a vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 7.ed ver. Editora Global. São Paulo, 2004.

FURTADO, C. (et all). **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste**. Editora Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento: Banco do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro, 2009.

HAESBAERT, R. **Região, diversidade territorial e globalização**. In: GEOgraphia: Revista de Pós-graduação em Geografia. UFU, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, jun. 1999.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo *IN : etc, espaço, tempo e crítica Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas*. 1º de Junho de 2007, nº 1(3), vol. 1. Págs:55-70. Disponível em: <http://www.uff.br/etc>, acesso em 02/07/2016

SÁ, A. N. de M. Diálogos em torno do Nordeste. *IN*. FURTADO, Celso. **O Nordeste e a saga da Sudene (1958-1954)**. Editora Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 2009.

TAVARES, M. da C. (Org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000

